

Os trabalhos de António Costa

Com os comissários para a política externa e para a defesa a olhar prioritariamente para dentro e para o Leste, o presidente do Conselho é o único que pode olhar para fora e abrir a Europa ao mundo.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 27 de Novembro de 2024

O presidente do Conselho Europeu toma posse, em Bruxelas, na próxima sexta-feira, 29 de Novembro. António Costa tem pela frente um enorme desafio e, ao mesmo tempo, uma enorme oportunidade. Para ele e para a Europa. E tem todas as condições para a ganhar.

Como presidente do Conselho, terá uma dupla missão. No plano interno, terá de presidir aos trabalhos, facilitar as negociações e, sobretudo, encontrar os consensos necessários entre os Estados-membros. E, ao mesmo tempo, garantir a boa relação com as outras instituições europeias, em particular, a Comissão. Isto é, tem a difícil tarefa de garantir a unidade de todos os europeus e definir a linha política e a orientação estratégica da União.

No plano internacional, ao lado da presidente da Comissão e da alta-representante para a Política Externa, terá a seu cargo a representação externa do bloco europeu. Tem todas as condições pessoais e políticas para ter sucesso. Tem conhecimento, experiência e provas dadas na política portuguesa e europeia. Foi secretário de Estado e ministro, presidente da câmara da capital e primeiro-ministro. Conhece bem as instituições europeias: o Parlamento Europeu, onde foi deputado e vice-presidente; o Conselho da União Europeia que frequentou, anos, como ministro, e o Conselho Europeu em que participou nos seus dois mandatos como primeiro-ministro.

Mas tem mais do que isso: é pragmático e tem sentido tático, facilidade em relacionar-se e uma enorme capacidade de fazer consensos, cada vez mais necessários, numa Europa cada vez mais fragmentada e polarizada. Em Portugal, na câmara e no Governo, fez consensos improváveis, que muitos achavam impossíveis. E que, contra as todas as expectativas, tiveram sucesso. Se os fez em Portugal, porque não os há-de fazer na Europa? É reconhecido pelos seus pares – chefes de Estado e de Governo – que o elegeram e, ao contrário do seu antecessor, dá-se bem com Von der Leyen. Com o eixo franco-alemão enfraquecido e a emergência crescente de líderes populistas na Europa, os desafios internos não serão fáceis.

Mas mais difíceis parecem ser os desafios internacionais e o lugar da Europa no mundo. A perda de competitividade económica da União Europeia face aos EUA e à China, que Draghi, recentemente, apontou. A possível guerra fria comercial com o mais que provável proteccionismo económico da nova administração Trump. A guerra na Ucrânia e a ameaça russa no Leste da Europa. A concepção transaccional das alianças de Trump e a incerteza sobre o futuro da NATO. E, conseqüentemente, a necessidade de maior autonomia estratégica para a defesa europeia. O relançamento das relações com o Reino Unido pós-"Brexit". E, finalmente, as relações com aquilo a que ele próprio – António Costa – chamou "o mundo multipolar".

É verdade, a ordem internacional liberal está em crise e o mundo em transição. Para uma polaridade complexa e multinível. Bipolar, no plano global, na luta hegemónica entre os EUA e a China. Mas multipolar, no plano regional, com a emergência de potências regionais incapazes de disputar a hegemonia global, mas capazes de estruturar a sua ordem regional. Um mundo que começa a ordenar-se em três grandes espaços: o Ocidente global, liderado pelos EUA com os seus aliados europeus e asiáticos; o Leste global, liderado pela China, com a Rússia como *junior partner*; e o Sul global, um magma de países, económica e politicamente díspares, mas que funcionam sob uma mesma narrativa. Não têm coesão, mas estão a ganhar uma identidade: pós-colonial e antiocidental. Ora, como a própria narrativa se tornou, hoje, um campo de batalha pela hegemonia, estes países contam cada vez mais na ordem mundial. E o lugar da Europa no mundo não pode reduzir-se, exclusivamente, à aliança transatlântica, à ameaça russa e à rivalidade chinesa.

Ora, com os comissários para a política externa e a defesa a olhar prioritariamente para dentro e para o Leste, o presidente do Conselho é o único que pode olhar para fora e abrir a Europa ao mundo. Através da CPLP criou boas relações na Ásia, em África e na América do Sul. No Brasil, é amigo de Lula e na Índia, dadas as suas origens goesas, Modi concedeu-lhe o cartão de cidadão estrangeiro. Os consensos internos são condição fundamental, mas o lugar da Europa no Mundo será o grande desafio do presidente do Conselho. Costa tem visão e condições únicas. Na Europa, ninguém mais as tem.

Esperemos que as possa concretizar. Porque o sucesso de António Costa será o sucesso da Europa.

<https://www.publico.pt/2024/11/27/opiniao/opiniao/trabalhos-antonio-costa-2113418>